

## LEITURA DE IMAGENS E A FORMAÇÃO DE LEITORES

Lêda Maria da Fonseca  
leda.fonseca@uol.com.br

*“As imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos”*  
Manguel, 2001

As imagens constituem o nosso ser, elas, assim como as histórias, nos formam, informam e são também poderosas formas de comunicação. Elas estão presentes não só na origem de nossos pensamentos, dando-lhes corpo e alma, como também na maioria dos meios de comunicação que nos cercam diariamente. Portanto, lidar com imagens, lê-las com competência, perceber seus recursos e nuances faz parte do processo de apreensão, leitura e compreensão do mundo e de nossa própria existência.

O interesse pelas produções visuais tem levado vários pesquisadores de diferentes áreas discutirem a necessidade de uma alfabetização visual, que se expressa com as seguintes designações, oriundas de pressupostos teóricos diversos: leitura de imagens e cultura visual.

Não pretendo, neste artigo, aprofundar os conceitos de *leitura de imagens* e *cultura visual*, tema tratado no artigo intitulado “Leitura de Imagens, Cultura Visual e Prática Educativa”, de Maria Emília Sardelich<sup>1</sup>. Trataremos, no entanto, de apresentar de forma resumida algumas diferenças conceituais apontadas pela autora do artigo.

A autora relaciona a utilização da expressão leitura de imagens à explosão dos sistemas audiovisuais, na década de 70. “Essa tendência foi influenciada pelo formalismo, fundamentado na teoria da Gestalt, e pela semiótica. Na psicologia da forma, a imagem constituía percepção, já que toda experiência estética, seja de produção ou recepção, supõe um processo perceptivo”(Sardelich, 2006:453). A imagem passa a ser entendida como signo, que incorpora códigos que precisam ser compreendidos. Daí a idéia de “ensinar a ver”, apresentando categorias visuais básicas, tais como: equilíbrio, figura, forma, desenvolvimento, espaço, luz, cor, movimento, dinâmica e expressão. No Brasil, Fayga Ostrower (1987) foi uma das divulgadoras de propostas que enfatizavam as relações entre os aspectos formais e expressivos das imagens. Outra autora que fundamentou esta concepção foi Donis Dondis, criando a expressão “alfabetismo visual”. O seu livro, *A Sintaxe da Linguagem Visual*, propõe um sistema básico para aprendizagem e compreensão de mensagens visuais.

A expressão *cultura visual* situa-se no marco dos Estudos Culturais. Nesta abordagem, afasta-se do enfoque formalista perceptivo no trato com as imagens e

ênfatiza-se o “visual como lugar onde se criam e se discutem significados” (2006:462). Assim, ao mesmo tempo em que a cultura visual dá forma ao nosso mundo, também é a nossa própria forma de olhar o mundo (Freedman, 2003). Alguns autores pós-estruturalistas preferem utilizar a expressão *artefato visual* em substituição à palavra imagem.

Embora o termo *leitura de imagens* não seja consensual entre artistas, educadores e pesquisadores de outras áreas, a opção por esta expressão, neste trabalho, se deu por ser muito utilizada no meio educacional, além de permitir um diálogo com a linguagem escrita, um dos propósitos desse trabalho.

Amparada em Freire (1983), que diz que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, podemos afirmar que a leitura da imagem também é fruto das experiências do leitor. Essa perspectiva também é ênfatizada por Manguel (2001). Segundo esse autor, “nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva, exclusiva, pois o que vemos é sempre uma leitura que parte das emoções do leitor: ou seja, de como as emoções do leitor afetam e são afetadas pela leitura das imagens”.

Com o interesse específico de discutir a formação de leitores infantis e juvenis, enfocaremos o trabalho de leitura das ilustrações contidas nos livros voltados para esse público.

Na produção de livros para crianças e jovens atualmente, a ilustração e todo o projeto gráfico são partes integrantes do universo semântico, juntamente com o texto verbal. Sendo assim, cabe aos mediadores de leitura estimular e aprofundar a leitura das imagens que compõem a maioria desses livros, promovendo, assim, a leitura intersemiótica.

Quando se trabalha com a leitura de imagens, especialmente das ilustrações de livros, surgem algumas questões, tais como: todas as imagens são narrativas? É o leitor quem determina o caráter narrativo da imagem ou a sua composição? As ilustrações são janelas que se abrem ou molduras para o texto? Essas perguntas serão tangenciadas neste texto, porém o nosso objetivo principal é discutir o quanto o trabalho com as imagens pode aprofundar a leitura do livro e ser importante estímulo para os jovens leitores.

Segundo Manguel (2001:24), “formalmente, as narrativas existem no tempo, e as imagens, no espaço”. No entanto, desde a Idade Média eram feitos painéis em que se representava uma seqüência narrativa, incorporando o fluxo do tempo nos limites de um espaço. Hoje, temos as histórias em quadrinhos que realizam esta conjugação tempo/espaço. Na Renascença, com o desenvolvimento da perspectiva, as pinturas passam a congelar o tempo no momento em que o espectador se defronta com a obra. Assim, “a narrativa, então, passou a ser transmitida por outros meios: mediante “simbolismos, poses dramáticas, alusões à literatura, títulos” – ou seja, por meio daquilo que o espectador, por outras fontes, sabia estar ocorrendo” (Manguel, 2001:25).

Ângela Lago, autora de livros infantis e juvenis, escrevendo sobre o seu livro de imagens, *Cântico dos Cânticos*, diz o seguinte:

*Este novo livro pretende ser a leitura de um poema, quer ser poema. A ênfase das imagens não está, portanto, na sua capacidade de narrar, mas na capacidade de evocar. Ao contrário da prosa, “discurso que vai em linha reta até o fim”, o verso é o que volta quando ele está completo” (Lago, 2003:178)*



Já uma aluna, após a leitura do mesmo livro faz os seguintes comentários:

*Quando o rapaz e a moça vão se aproximando, as cores vão ficando mais claras, mais luminosas. A idéia das páginas passando é para representar o tempo que passa também. Quando eles se encontram, tudo pára, as páginas congelam e a luz é imensa, fica tudo com tons de rosa, vermelho e amarelo. Depois eles começam a se afastar novamente, aí tudo recomeça, o tempo a passar e as cores vão ficando mais escuras novamente. Se eu começar de um lado, eu acompanho a moça no encontro com o rapaz, mas se eu começar do outro lado, é o rapaz quem eu sigo. Essa história não tem fim, pois eu posso sempre recomeçar a ver tudo! (Tainá- aluna 6ª série)*

É possível concluir que as ilustrações nem sempre contam histórias, pelo menos do ponto de vista de quem as produz, mas o leitor pode ampliar o que é limitado no papel para um antes e depois e imaginar suas histórias. “Conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável” (Manguel, 2001:27)

Nos livros, as ilustrações podem exercer em relação ao texto verbal diferentes funções. Tanto podem ratificar os significados do texto, quanto antecipar, ampliar, extrapolar ou sugerir. No entanto, devemos cuidar para que nossas analogias não reproduzam um modelo de leitura de textos verbais. Temos diante de nós, um diálogo intenso a ser compreendido e discutido pelos leitores, que agora devem acrescentar às

suas estratégias de leitura do texto verbal competências específicas que o auxiliem na compreensão do texto não-verbal, sem transpor modelos previamente prontos.

Acreditamos que explorar a expressividade de um traçado, o jogo de cores, o contraste luz e sombra, os ângulos escolhidos, além da análise dos elementos figurativos e seus significados em relação ao texto, permite ao leitor adentrar com mais profundidade também no texto verbal, tornando-o mais sensível a elementos expressivos da linguagem escrita, aprimorando, dessa forma, suas possibilidades de leitura.

Sabemos, contudo, que esse trabalho de interpretação da imagem, tanto quanto na compreensão de textos verbais, vai pressupor também a relação com o cultural e o histórico. Sendo assim, não podemos trabalhar com a imagem como se ela fosse transparente e sim entendê-la como linguagem, produzida dentro de um contexto sócio-histórico e cultural. Segundo Souza (2001), “Entender a imagem como discurso, por sua vez, é atribuir-lhe um sentido do ponto de vista social e ideológico, e não proceder a descrição (ou segmentação) dos seus elementos visuais”. Aqui nos aproximamos do ponto de vista dos autores que utilizam a expressão *cultura visual*, pois a nossa proposta é trabalhar com a discursividade da imagem.

Partindo dessas premissas, criamos um projeto direcionado a alunos do 7º ano do Ensino Fundamental do Centro Educacional Anísio Teixeira, escola particular situada no Rio de Janeiro. Esse projeto tem como objetivos sensibilizar os alunos para a observação mais detalhada de ilustrações, seus recursos, efeitos e sentidos, além de apresentar os ilustradores clássicos e ilustradores brasileiros contemporâneos.

### **A Leitura dos Quixotes**

A leitura de clássicos adaptados é uma prática em nossa escola. Neste ano, iniciamos a leitura com Dom Quixote. Foi feito um levantamento de várias adaptações de Dom Quixote e escolhemos uma edição que nos pareceu mais adequada, embora eles pudessem ter acesso a todas as outras que possuímos, inclusive ao texto original traduzido.

Antes de os alunos iniciarem a leitura do texto verbal, apresentamos várias ilustrações de Dom Quixote, especialmente as de Gustave Doré, Portinari, Nívio López Vigil e Salvador Dalí.

Os alunos foram estimulados a observar detalhes dessas ilustrações, conversar sobre elas e falar características dos personagens Dom Quixote e Sancho Pança, a partir da leitura dessas imagens. Pudemos constatar como esse tipo de leitura também ativa outras leituras feitas anteriormente, de textos verbais ou não verbais. Por exemplo, como os alunos já conheciam histórias de cavalaria, fizeram relações com as figuras dos cavaleiros da corte do rei Arthur e a figura esquelética de Dom Quixote. O escudeiro Sancho Pança e o cavalo Rocinante também foram elementos que eles

puderam contrapor às imagens e aos outros discursos já conhecidos. Assim, instigados pelas ilustrações, os leitores chegaram ao texto verbal de forma mais curiosa e também com um olhar mais apurado, tecendo inclusive críticas ao texto adaptado que lhes foi apresentado.

Entendendo ainda que a linguagem visual ao ser interpretada também permite a projeção de outras imagens, que podem estar relacionadas a outros contextos simbólicos do leitor, propusemos uma atividade que propiciava esse deslocamento de sentidos. Oferecemos cópias de ilustrações de Gustave Doré para que os alunos selecionassem um elemento da ilustração e o recontextualizassem. Alguns leitores, imersos no contexto da obra lida, pouco voaram em outras direções, mas outros produziram trabalhos recriando tempos e espaços. Alguns contextualizaram a sua própria cidade, cheia de contradições, outros trouxeram o seu universo pessoal, transformando armaduras, lanças e capacetes em meros brinquedos jogados em um quarto de criança.



Segundo Souza, “O caráter de incompletude da imagem aponta, dentre outras coisas, a sua recursividade. Quando se recorta pelo olhar um dos elementos

constitutivos de uma imagem produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita”. Esse caráter de incompletude “permite a ruptura, o deslocamento, revelando que o sentido sempre pode ser outro” (Souza, 2001).

A partir desse trabalho, fomos percebendo o quanto um olhar mais atento e investigativo em relação ao projeto gráfico pode enriquecer a leitura do texto verbal, além de aproximar os leitores do universo semântico que irão adentrar. Assim, novas propostas foram apresentadas: conheceram a produção de ótimos ilustradores brasileiros e de outras nacionalidades e puderam compartilhar as leituras das imagens selecionadas por eles. A compreensão de que nada é gratuito, e sim, escolhas intencionais, significativas, faz do leitor um “investigador”, pois terá que ativar todos os seus sentidos para ver o que está ali representado e o que não está, mas também produz sentido.

No fragmento abaixo, temos algumas observações sobre o livro *Sebastiana e Severina*, de André Neves:

*Aluna - Na capa já tem as duas personagens. Elas têm nomes das pessoas do Nordeste. A capa já é feita com rendinhas, acho que elas podem ser costureiras. Elas são um pouco surreais, seus braços e pernas são compridos e têm um bumbum grande.*

*Professora - Não parecem aranhas?*

*Alunos - Claro! Elas são aquelas rendeiras, fazem as rendas como as aranhas tecem o fio.*

Muito estimulados com a possibilidade de construir sentidos para tudo o que compõe os livros, consideramos importante um encontro dos alunos com ilustradores. Assim, convidamos os ilustradores Roger Mello e Graça Lima. Nesse encontro, os alunos puderam perguntar tudo sobre o processo de criação das imagens e sobre o projeto gráfico, além de terem podido receber orientações para produção da capa do livro que estavam criando.

Para terminar esse projeto, montamos uma exposição com ilustrações de grandes ilustradores brasileiros e estrangeiros e com os trabalhos produzidos pelos alunos. Além do contato através de livros, os alunos também puderam utilizar a Internet a fim de buscar mais informações sobre os ilustradores e produziram trabalhos que foram projetados durante a exposição.

A diversidade dos projetos gráficos, de materiais utilizados, de estilos de cada ilustrador e da própria composição, permitiu que os alunos ampliassem seus acervos imagéticos e suas possibilidades de dialogar com eles. Também, em alguns momentos, pudemos constatar que a dificuldade de relacionar as ilustrações aos textos verbais advinham da falta de intimidade com o universo semântico ali representado, o que se confirmava com leituras apenas literais dos textos verbais. Nessas ocasiões, mediações

de adultos e também de outros leitores do próprio grupo de alunos ajudavam a ampliar as discussões, dando possibilidade para que novos sentidos emergissem.

Concluindo, tivemos a oportunidade de verificar as diferentes estratégias de leitura utilizadas pelos alunos, desde a descrição de elementos da composição até a compreensão mais sutil, fruto de analogias e intertextualidades. Com isso, pudemos atuar como mediadores, conduzindo melhor os processos de construção de sentidos.

## **Bibliografia**

CAMARGO, Luís. "A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil"  
Texto retirado do site: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/poesiainfantilport.htm>  
Em: 09/04/2007

CERVANTES, Miguel. *Dom Quixote de La Mancha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

HAMILTON, JAMES. *Arthur Rackham: a life with illustration*. London, Pavilion Books Limited, 1990.

LAGO, Ângela. "Uma leitura através de imagens" In: GOÉS, Lúcia Pimentel. *Olhar de Descoberta: Proposta analítica de livros que concentram várias linguagens*. São Paulo: Paulinas, 2003.

LAGO, Ângela. *Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Paulinas, 2005.

MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens: Uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SARDELICH, Maria Emilia. "Leitura de Imagens, Cultura Visual e Prática Educativa". In: *Cadernos de Pesquisa*. V.36, n.128, p.451-472, mai/ago.2006

SOUZA, Tania C Clemente de. "A Análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação". In: *CIBERLEGENDA*, nº6, 2001.  
Texto extraído do site: <http://www.uff.br/mestcii/tania3.htm> em 20/05/2007.

